

Criança não pode esperar

– Mudar o tempo de escola e sua arquitetura não é impossível. Em muitos lugares já está acontecendo. As resistências maiores não se referem ao terceiro fator – a ação?

– Sim. Este é o ponto mais difícil e complexo da minha argumentação. Há mais de um século Herbert Spencer indagava: qual é o conhecimento mais valioso, o que é mais importante ensinar na escola? Para Spencer era o conhecimento científico. Mas essa resposta muda em relação ao tempo. O currículo, portanto, é um artefato social e histórico, sujeito a mudanças e evoluções. Jamais a escola pode ver o currículo como uma realidade fixa e atemporal.

– Quer dizer que o sábio de ontem não será necessariamente o sábio de hoje ou de amanhã?

– Cada geração constrói seu próprio modelo de pessoa culta, e acredita que está lidando com uma forma perene. Muitas das elites formadoras de opinião, que hoje reclamam contra a falta de conhecimentos dos alunos, seriam consideradas ignorantes e incultas à luz de padrões escolas dominados pelo latim e pelo grego.

– Mas essas elites não consagram o saber escolar vigente?

– Sim e eu quero chamar a atenção justamente para essa consagração social e escolar dos saberes, um processo invisível que pode parecer natural, mas não o é. Não há um processo de seleção e organização do conhecimento escolar pelo qual os especialistas determinam por dedução lógica o que é mais apropriado ensinar aos alunos. A fabricação do currículo é um processo altamente conflituoso, um verdadeiro campo

de batalha, no qual se confrontam os mais variados interesses, estratégias e projetos de sociedade. Se não olhamos para esse conflito acabamos aceitando que os saberes são imutáveis, que as disciplinas e sua organização são imutáveis. E não conseguimos vislumbrar outras formas de educação.

– Quanto ao que é mais importante ensinar na escola hoje, o que o senhor responderia a Spencer?

– Esta é uma pergunta imensa e vou lançar pontos para nossa reflexão. Podemos pensar que o mais importante é o que liberta e o que une, para citar o filósofo francês Olivier Reboul. O que liberta? É o que nos permite crescer como pessoas, afastando-nos dos preconceitos e dos constrangimentos, descobrindo um mundo novo de coisas e de possibilidades. O que liberta é a ciência, mas a ciência emancipatória que nem sempre é aquela ensinada na escola. O que liberta é o conhecimento.

– E o que une?

– O que une é a cultura. É a capacidade de afirmarmos a nossa identidade e ao mesmo tempo nos inserirmos no universo cultural mais amplo. O currículo não pode refletir uma cultura única, um processo de homogeneização cultural, que já foi a missão da escola. Todos somos portadores de várias culturas, várias cidadanias, várias identidades. É com este jogo cada vez mais complexo que a escola tem que trabalhar.

– Qual seria a missão da escola agora?

– Correndo o risco da simplificação, a escola deve estimular as crianças a aprenderem a estudar e pensar e também a aprenderem a comunicar e a viver em conjunto. Aprender a estudar e pensar é essencial no mundo marcado pelo excesso de informação e conhecimentos que envelhecem muito rapidamente. Mas não é menos importante aprender a comunicar e viver em conjunto, esti-

mulando a criança a falar, ouvir, construir em conjunto. As democracias dependem de cidadania ativa e consciência clara das nossas responsabilidades sociais. A escola é a instituição que melhor pode cumprir esta tarefa, talvez a única.

– Não estamos colocando tarefas demais para a escola e cobrando sucesso?

– A educação básica, fundamental não é tarefa excessiva. O excesso está em outro campo. Estamos em grande medida transferindo para a escola problemas que são da área política. Luta contra a violência, confronto de valores, combate às drogas e à delinquência, regras sociais, tudo que não se pode resolver em outra arena, vai para o pedagógico.

– Na sua palestra o senhor criticou também o excesso de futuro no discurso educativo...

– Políticos e especialistas anunciam todos os dias a sociedade do conhecimento, a sociedade cognitiva, a sociedade que aprende para o próximo século. Há uma ausência do presente. Uma fuga para frente, que reflete a incapacidade de enfrentar os problemas educativos hoje. Anunciam um amanhã luminoso, mas esquecem as sombras do presente. Ora, como educadores, não podemos pedir às crianças que esperem. A resposta tem que ser dada agora. Não adianta avançarmos os relógios para o futuro chegar mais cedo. O futuro que me interessa não é amanhã. É hoje.

Bons negócios

A presença de educadores como Antônio Nóvoa, de Portugal e Monserrat Ventura Robira, da Espanha, fora a lista de primeira linha de educadores brasileiros que também participaram da Educar99, não esconde o que a cada ano fica mais claro: a transformação da Educação em promissor campo de negócios. Em poucos dias, apesar dos investimentos retraídos, na feira-congresso realizada em maio,

em São Paulo, foram feitas, pelos 354 expositores, vendas no valor de R\$ 120 milhões, a maior parte no segmento de tecnologia a serviço da didática, quer seja na concepção de mobiliário adequado às necessidades diferenciadas dos alunos, quer sejam em equipamentos eletrônicos e digitais de última geração. Foram 70.329 visitantes, todos ligados à educação, 15% empresários donos de escolas.

**Veja a íntegra da
Entrevista no JB Online**